



## Memória da Casa dos Mortos: ficção e realidade da violência contra a mulher

Veralucia Pinheiro<sup>1</sup>

Roseli Martins Tristão Maciel<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho faz uma análise sobre a violência contra a mulher que se desenvolve em dois contextos e, por isso, possui diferenças quanto à narrativa, à temporalidade e à cultura. Trata-se, respectivamente, de um conto escrito no século XIX de autoria do russo Dostoiévski e de uma matéria jornalística publicada no Brasil em 2018. O objetivo principal é demonstrar que os valores machistas que justificavam a violência contra a mulher em uma sociedade à margem do mundo ocidental, de característica rural e pré-capitalista, ainda se fazem presentes no espaço urbano brasileiro contemporâneo. Outrossim, destacar que apesar das lutas protagonizadas pelos movimentos sociais, especialmente o movimento feminista cujas conquistas se materializam em legislações e instituições destinadas à proteger a mulher dos espancamentos, dos estupros, dos assassinatos etc, esse ciclo de violência não se rompeu e ainda faz parte do cotidiano de milhares de mulheres em nosso país.

**Palavras-chave:** Violência, Mulher, Dostoiévski, Imprensa.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Unicamp/SP, docente na graduação no Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis e no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – PPG/IELT – Universidade Estadual de Goiás – UEG. Pesquisadora das áreas de violência, juventude, Feminismo.

<sup>2</sup> Historiadora, doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora do curso de História e do Programa de Pós Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado. Pesquisadora das áreas de História Social, História Social, da História da Saúde e das Doenças e Questão da Mulher.

**ABSTRACT:** The present work analyzes the violence against women that develops in two contexts and therefore has differences in terms of narrative, temporality and culture. It is, respectively, a short story written in the 19th century by the Russian Dostoiévski and a journalistic article published in Brazil in 2018. The main objective is to demonstrate that the macho values that justified violence against women in a society on the margins of the western world, of rural and pre-capitalist characteristics, are still present in the contemporary Brazilian urban space. Furthermore, it should be noted that despite the struggles led by social movements, especially the feminist movement whose achievements materialize in laws and institutions designed to protect women from beatings, rapes, murders, etc, this cycle of violence has not broken and still does part of the daily lives of thousands of women in our country.

**Keywords:** Violence, Woman, Dostoiévski, Press.

**RESUMEN:** El presente trabajo analiza la violencia contra la mujer que se desarrolla en dos contextos y, por tanto, presenta diferencias en cuanto a narrativa, temporalidad y cultura. Se trata, respectivamente, de un cuento escrito en el siglo XIX por el ruso Dostoiévski y un artículo periodístico publicado en Brasil en 2018. El objetivo principal es demostrar que los valores machistas que justificaron la violencia contra las mujeres en una sociedad marginada del mundo occidental, de carácter rural y precapitalista, siguen presentes en el espacio urbano brasileño contemporáneo. Además, cabe señalar que a pesar de las luchas lideradas por los movimientos sociales, especialmente el movimiento feminista cuyos logros se materializan en leyes e instituciones diseñadas para proteger a las mujeres de golpizas, violaciones, asesinatos, etc., este ciclo de violencia no se ha roto y aún se parte de la vida diaria de miles de mujeres en nuestro país.

**Palabras-clave:** Violencia, Mujer, Dostoiévski, Prensa.

## Introdução

“(…)E neste dia, então,  
Vai dar na primeira edição:  
Cena de sangue num bar  
Da Avenida São João”.  
(Ronda -Paulo Vanzolini)

Como herdeiro da cultura ocidental, o Brasil assimilou valores e comportamentos que consideram a mulher naturalmente inferior ao homem. Tais concepções, já existentes no mundo medieval, foram sistematizadas por intelectuais da Era Moderna, filósofos, pensadores positivistas, recebendo, a partir de então, *status* de verdade científica, instituída. Essa cultura se materializou em leis que excluíram a mulher durante muito

tempo da vida pública, deixando-a refém de toda espécie de violência tanto no âmbito da família quanto fora dela.

Porém, na esteira dos países desenvolvidos e em resposta às lutas sociais desencadeadas principalmente pelo movimento feminista o Brasil, nas últimas décadas, tem passado por mudanças profundas. Sendo assim, a violência contra a mulher tem sido um dos problemas sociais de grande visibilidade pública e no âmbito do qual se destaca tanto pelas reformas legislativas direcionadas às mulheres, quanto pela importância dada a esta temática nas agendas dos movimentos sociais, de modo que pesquisas e ações de movimentos sociais contribuem desde a década de 1980 para a produção de conhecimentos e conceituação da violência contra as mulheres no país.

Este contexto, somado à maior participação da mulher em todas as instâncias da vida social, tem criado a ilusão de que está ocorrendo, desde então, grandes mudanças no comportamento e nos valores dominantes na sociedade relacionados às mulheres. Em outras palavras, tem-se a impressão de que o uso da violência no trato das relações pessoais, práticas introduzidas no Brasil pelos colonizadores portugueses, publicamente percebidos e aceitos como naturais, pertencem ao passado.

A violência contra a mulher em suas várias modalidades ainda é amplamente praticada em todos os âmbitos sociais e é também considerada aceitável e natural, uma vez que foi estrategicamente incorporada pelos diferentes processos ditos progressistas e modernizadores pelos quais vêm passando os países do mundo Ocidental. Esse é o pano de fundo em que surge o interesse das autoras nas relações entre história e literatura, o qual vem se concretizando em atividades que permitem ler e discutir romances, contos e ensaios considerados importantes para o desenvolvimento de nossos estudos e pesquisas.

Neste artigo discutimos a condição feminina na obra *Memória da Casa dos Mortos* de Dostoiévski (2010), cuja perspectiva é ao mesmo tempo memória e ficção. Nosso objetivo é refletir acerca de questões referentes ao tratamento dado à mulher em uma época marcada por transformações sociais advindas do modo de produção capitalista, na experiência subjetiva de homens e mulheres. Paralelamente, as condições sociais, históricas e culturais que, a despeito de todas as mudanças na vida social das mulheres no Brasil, incluindo leis, delegacias especializadas, serviço de defesa jurídica, os assassinatos, os espancamentos, os estupros e as ameaças, enfim, os crimes cometidos contra elas parecem longe de retroceder. Toda essa violência nos leva a pensar nas semelhanças entre

a mulher do século XIX na Rússia<sup>3</sup>, retratada no XV capítulo da obra de Dostoiévski<sup>4</sup>, com a realidade de milhares de mulheres no Brasil do século XXI.

### **A mulher nos escritos de Memória da Casa dos Mortos**

O ano de 1848 é considerado o ano das Revoluções devido aos movimentos que sacudiram a Europa Ocidental. Tais movimentos começaram em Paris e se estenderam pelos grandes centros urbanos da Europa Ocidental. Historicamente, esse ano ficou conhecido pela consolidação tanto do poder político da burguesia por um lado, quanto pelo reconhecimento do proletariado como força política por outro. Foi nesse contexto de embate contra a sociedade capitalista que Marx e Engels divulgaram o Manifesto do Partido Comunista para denunciar a exploração e a miséria dos trabalhadores, a concentração da riqueza, a violência institucionalizada etc.

Um ano depois, em 1849, Dostoiévski foi preso, acusado de participar das reuniões do círculo de Petrachévs<sup>5</sup> e nelas discutir temas considerados subversivos e, em função disso, proibidos por Nicolau I. O episódio, na verdade, foi nada mais que uma manobra política com o intuito de aterrorizar os indivíduos envolvidos em movimentos semelhantes, isto é, uma encenação planejada pelo czar, uma vez que no exato momento da execução todos os condenados foram perdoados e tiveram suas penas comutadas pela prisão e trabalhos forçados na Sibéria, onde Dostoiévski passou quatro anos em uma prisão e outros seis anos como soldado raso em uma pequena cidade siberiana, só retornando à Rússia no final da década de 1850.

Entre 1860 e 1861, publicou Memória da Casa dos Mortos, quando exercia a função de editor e colaborador da revista O Tempo, em forma de folhetins (FRANK, 2008). Trata-se de uma obra que é, ao mesmo tempo, memória, ficção e documento, ou melhor, memórias narradas artisticamente e, por isso mesmo, literatura. A década de 1860 também

---

<sup>3</sup> País que faz parte da Europa não ocidentalizada.

<sup>4</sup> A obra é Memória da Casa dos Mortos e o XV Capítulo: O marido de Akulhka.

<sup>5</sup> Reuniões do círculo de Petrachévski, que aconteciam uma vez por semana no final da década de 1840, na casa de Petrachévski, um funcionário do Ministério do Interior que cedia sua casa como espaço para as reuniões. A pauta destas reuniões eram as mudanças ocorridas na Europa Ocidental, decorrentes das ondas revolucionárias. (FRANK,1999).

é marcada na vida russa por niilismo, anarquismo e agitação política, que se tornaram fonte de preocupação e matéria literária para o escritor (FRANK, 2002). Por outro lado, sua escrita se deu em período e contexto de grandes rupturas econômicas, urbanas e socioculturais que inseriu a Rússia no sistema capitalista europeu tendo a França e a Inglaterra como os grandes patrocinadores desse processo de modernização.

A Rússia recebeu muitas influências culturais desses países como, por exemplo, as concepções advindas do Marxismo e do materialismo vulgar, concepções que, incorporadas pelos grupos de intelectuais, provocaram cisões que levaram ao surgimento de diferentes grupos políticos, dentre os quais dois se destacam: um composto por revolucionários receptivos à introdução do modo de vida europeu e outro de conservadores que temiam a transformação da cultura religiosa do povo russo, vendo, nessa possibilidade, uma ameaça. Essa última defendia um movimento que exaltasse as qualidades do camponês russo, politizando-o concomitantemente. Dostoiévski, por sua vez, defendia a ideia segundo a qual a religiosidade estava cravada na alma do povo russo.

Essas forças em confronto atuaram sobre Dostoiévski como dois imperativos, um de ordem moral, outro religioso, e o equilíbrio dessas pressões opostas ajuda a explicar o impacto sempre trágico de suas melhores obras literárias (FRANK, 2008, p.154).

Durante os anos passados na prisão Dostoiévski teve tempo suficiente para refletir sobre suas angústias e conflitos, entre a razão e o positivismo importados da Europa e a sua fé cristã fundamentada no catolicismo ortodoxo que ele julgava natural e inerente à alma russa. Acreditava ele que o racionalismo e a mentalidade positivista que compunham o desenvolvimento capitalista/burguês da Rússia eram anti-humanistas. Ademais, defendia que a solução para todos os problemas da Rússia estava no resgate do cristianismo ortodoxo.

Em *Memória da Casa dos Mortos*, Dostoiévski materializa as suas impressões e seus sentimentos em relação ao tempo que passou na prisão da Sibéria bem como da tensão sofrida diante da possibilidade de morrer executado juntamente com outros intelectuais. Esses são os elementos que marcam e conduzem a narrativa do romance.

Escrita em primeira pessoa, Dostoiévski lança mão de uma estratégia narrativa que lhe possibilita o distanciamento necessário que ele busca alcançar em seu texto, fazendo com que sua representação se construa sem que precise se corresponder com a percepção real do vivenciado (BAKHTIN, 2011). Em outras palavras, o autor descreve o tempo na

prisão, suas lembranças são organizadas e apresentadas ficcionalmente por dois narradores: um deles é o editor do livro que faz a introdução da obra e nela apresenta o outro narrador, Goriântchikov, autor dos escritos na prisão onde teria permanecido durante dez anos por ter assassinado a esposa em razão do ciúme. Dostoiévski, entretanto, deixa o leitor perceber nas entrelinhas que o narrador é ele próprio e Goriântchikov é apenas um recurso literário. Nesse sentido, o cenário criado por Dostoiévski é de um editor que encontra entre os papéis de Goriântchikov suas memórias do cárcere e resolve publicá-las.

A obra pertence ao gênero do romance polifônico, inaugurado por Dostoiévski, conforme a análise de Bakhtin (1997). Trata-se de uma forma romanesca marcada pelo princípio composicional da polifonia: narrativas diferentes que falam, de formas diversas, de um mesmo tema. Em vez de compor a personagem como determinada, dotada de traços sociais típicos e objetivos ela é composta como “ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante” (BAKHTIN, 1929/1997, p. 46).

O intuito do autor foi o de revelar ao mundo a crueldade dos trabalhos forçados, a desumanidade das prisões em seu país. A publicação dessa obra conseguiu provocar um intenso debate sobre a justiça russa, o sistema prisional, os castigos corporais etc. Tais debates, todavia, não incluíam a questão da mulher, pois, ainda que na introdução o narrador Goriântchikov tenha sido condenado por assassinar a própria esposa, esse fato, no conjunto da narrativa, é até relativizado, visto que, na pele do editor, como suposto narrador que encontra os escritos do presidiário, diz que: “Crimes desse gênero são sempre considerados como desgraças, e tem-se sempre pena dos seus autores. [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 9).

*Memória da Casa dos Mortos* reconstrói literariamente a crueldade das prisões na Rússia em relação aos homens, especialmente os camponeses pobres que majoritariamente ocupavam suas prisões no século XIX. Porém, assim como no campo da teoria importantes autores deixaram de fora as mulheres, na literatura isso também acontece. Sobre isso, a pesquisadora Silvia Federici (2017, p. 19), chama a nossa atenção para o fato de que:

[...] a análise de Foucault sobre as técnicas de poder e as disciplinas a que o corpo se sujeitou ignora o processo de reprodução, funde as histórias feminina e masculina num todo indiferenciado e se desinteressa pelo

“disciplinamento” das mulheres, a tal ponto que nunca menciona um dos ataques mais monstruosos perpetrados na Era Moderna contra o corpo: a caça às bruxas.

Também em *Memória da Casa dos Mortos*, Dostoiévski narra quatorze capítulos sem mencionar sequer uma mulher protagonista de um crime. É como se a tragédia das prisões russas do século XIX estivessem circunscritas ao universo masculino e as mulheres não cometessem quaisquer crimes. E, mesmo sendo uma prisão masculina, poderia dizer, por exemplo, que os crimes praticados por mulheres eram punidos em outras prisões, com outras modalidades de penas etc. Ao contrário disso, no primeiro capítulo, diz ele que: “o homem é um ser que a tudo se habitua” (2010, p. 15). Aqui Dostoiévski se refere ao homem como gênero humano; inferimos, portanto, que a mulher, embora não esteja presente na “Casa dos Mortos”, também seja capaz de se habituar, já que é humana. E, a partir dessa reflexão, ele fornece aos leitores uma descrição do presídio:

Viviam ao todo no presídio 250 homens, número que se mantinha quase constante. Uns entravam, outros acabavam de cumprir a sentença e saíam, e outros ainda morriam ali dentro. E que tipos tão variados! Julgo que todos os governos, todas as comarcas da Rússia tinham ali os seus representantes. Havia também os estrangeiros; havia até alguns deportados das montanhas caucásicas. [...] A categoria principal da população de presos era composta pelos deportados-presidiários, de classe civil (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 15).

Ainda na introdução, o fictício narrador Goriântchikov, autor dos diários escritos na prisão, teria assassinado sua mulher. Portanto, a mulher aparece nesse episódio como vítima. Diferente dos demais personagens, ela não é uma delinquente. Já no terceiro capítulo, em continuação ao segundo, Dostoiévski, descreve as primeiras impressões da prisão na Sibéria, são reflexões a respeito da desproporção das penas em relação aos crimes dos homens. A título de exemplo, o autor toma dois homicídios pelos quais aqueles que os cometeram receberam praticamente as mesmas penas. Porém, em circunstâncias totalmente diversas:

Um, por exemplo, matou um homem por causa de uma cebola! [...] Outro em compensação, matou para defender de um tirano inexorável a honra da noiva, da irmã ou da filha. Um outro, servo fugitivo, talvez meio morto de fome, matou um dos que foram enviados em sua perseguição, para defender a liberdade e a vida, ao passo que outro matou umas pobres mocinhas, só pelo prazer de degolá-las, de sentir nas mãos o seu sangue morno, gozando com a sua dor, com os derradeiros gemidos de pomba debaixo do gume da faca. (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 60)

As injustiças da sociedade russa do século XIX em que viveu e escreveu nosso autor não se restringem ao mundo da prisão. Elas dizem respeito a todos os aspectos da vida social. A opressão, a miséria e a exploração do camponês deixam claro que, para os pobres, havia pouca diferença a vida dentro ou fora da prisão. “Na vida livre vive no último grau de humilhação, nunca come o suficiente e trabalha para o amo desde a manhã até a noite; ao passo que no presídio o trabalho é mais leve [...]; o pão é dobrado e tão bom como nunca até então o provou. [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 61).

Toda essa fome e miséria que marcavam a vida inteira do trabalhador na Rússia daqueles tempos talvez nos ajude a compreender, embora não justifique, a violência da família e, principalmente, do homem contra a mulher, na obra de Dostoiévski. O ódio, primeiro dos próprios pais, depois do marido de Akulka, constituem-se em indicativo de que os motivos dessa violência não se encontram nas atitudes ou no comportamento de uma dada mulher. Ao contrário, precisamos buscar no contexto social, econômico e cultural daquela sociedade as explicações para tal fenômeno.

Não podemos negligenciar o fato de que em qualquer sociedade, se há fome, miséria e violência, tais mazelas, irão também atingir as mulheres. Em *Memória da Casa dos Mortos*, o autor descreve fundamentalmente a miséria e a exploração do camponês do sexo masculino. São raras as personagens femininas. Na introdução, além da esposa assassinada por Goriântchikov, autor dos diários de prisão, esse vivia com mais três mulheres que aparecem no trecho: “precisamente no limite da povoação, em casa de uma velha que tinha uma filha tuberculosa, mãe por sua vez de uma filha natural, uma garotinha de dez anos, muito gentil e alegre” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 10).) Outras mulheres são as cinco filhas do funcionário público Ivan Ivânitch, mocinhas que estudavam francês com Goriântchikov. Contudo, ficamos conhecendo pouco dessas mulheres que aparecem na introdução da obra. Sobre a velha, proprietária da casa onde vivia o ex-presidiário, diz o narrador: “Era uma mulher desabrida e taciturna, de quem era difícil obter respostas claras” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 11).

Em seguida são quatorze capítulos, todos sobre a prisão e sem a presença de mulheres, até chegar ao XV capítulo: O marido de Akulhka. Aqui, ao contrário dos demais capítulos do livro, temos a história de uma mulher e esta mulher é uma vítima da violência familiar. Mesmo assim, a narrativa, em primeira pessoa, é feita por um homem – o marido de Akulhka. Para Frank (2013), este conto é emblemático porque ele simboliza aquele



resquíio de humanidade que pode persistir em indivíduos arrasados moralmente. Essa seria a essência da alma do povo russo, os quais, mesmo diante das atrocidades praticadas, tendo ultrapassado os limites do razoável – daquilo que representa o humano em cada um de nós – sobrevive nele um esforço de profunda e pura humanidade que, embora não consiga redimir seu comportamento, pelo menos demonstra um sentimento de arrependimento diante de sua própria desmoralização.

No conto “O marido de Akulka”, Dostoiévski reproduz uma história que ele teria ouvido um camponês contar para o outro em uma noite no hospital do presídio. Ambos, Chichkov e Tchevierin, compartilham relatos de agressões contra suas esposas. Trata-se de uma história infame sobre as tradições preconceituosas dos camponeses russos. Contudo, como nos alertou Frank (2013), essa vida camponesa, que também é retratada de forma sempre igual, quase estática, manifesta as mesmas paixões desesperadas que em outros escritores constituíram um tema de tragédia.

Akulka tem dezoito anos e toda sua desgraça não se explica por algo ou alguma atitude dela própria e sim devido ao comportamento abominável de um homem, um jovem russo, Filhka Morózov. Mesmo brigando com o pai da moça por questões de dinheiro e vivendo uma vida desregrada, Filhka mantinha o desejo de casar-se com Akulka. Sobre os desejos da própria moça nada é dito. O pai desejava casá-la com outro homem, um velho comerciante: Mikita Grigóritch. Então, para se vingar e abalar emocionalmente o pai de Akulka, Filhka mente, dizendo que já dormiu com ela. Segue-se o silêncio de Akulka, a ela não é dado o direito à palavra; isoladamente, a acusação de um homem transforma os pais em seus algozes: “Em toda a rua se ouviam os choros de Akulka; não paravam de bater-lhe desde manhã. E Filhka gritava em pleno mercado: É a famosa Akulka [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 237).

Com o intuito de encobrir a desonra da família, Akulka é casada com Chichkov, um jovem covarde, cuja fraqueza moral o deixa vulnerável e, diante disso, é totalmente dominado pelo poderoso Filhka. Contudo, na noite do casamento, Chichkov descobre que a moça era virgem e que fora difamada por Filhka. Sua primeira reação é a de um homem forte, disposto a defender a honra de sua amada. Dirige-se a Filhka para confrontá-lo; vence, todavia, sua fraqueza, pois Filhka o humilha publicamente. Daí em diante a bebida e a covardia determinam seu comportamento e o marido de Akulka começa a lhe bater o tempo todo sem qualquer motivo: “Mas é que eu estava ressentido; toda a gente me

ofendia, e a alma de tudo isso era Filhka” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 240).

Logo depois, Filhka Morózov sumiu das ruas e bares da cidade. Vendeu-se a uma família burguesa como substituto do filho ao exército: “Entre nós, quando alguém se vende como substituto, até o próprio dia em que o levam, todos os da casa têm de prostrar-se diante dele, e ele manda em todos como um verdadeiro senhor. [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 241). Até que finalmente chegou o dia de o levarem para o quartel, sua partida ocorre em meio aos comentários e cumprimentos das pessoas na rua. Esse dia, no entanto, marca de forma trágica e definitiva o destino de Akulka. Ela voltava da horta nesse momento e Filhka a vê, salta da carroça e, fazendo-lhe uma reverência até o chão, confessa: “Minha vida, luz da minha vida! Há dois anos que te amo, mas agora me levam com música para a vida militar. Perdoa-me, filha honrada de pai honrado, porque eu fui um canalha para ti e procedi mal contigo em tudo”. Inicialmente, Akulka como sempre se cala, o medo a faz tremer. Depois, curva-se também e diz: “Perdoa-me tu também a mim, rapaz, que eu não tenho nenhuma razão de queixa contra ti”. De volta para casa, Chichkov, a questiona com muito ódio: “Que disseste tu, cadela?” A resposta de Akulka é surpreendente: “Agora, amo-o mais do que a ninguém neste mundo” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 242).

Nesse dia, o marido de Akulka, não lhe dirige a palavra; porém, ao anoitecer, lhe avisa: “agora vou te matar”. Nessa noite Chichkov não dorme e nas primeiras horas da manhã, avisa à mulher que vão para o campo trabalhar. Akulka como sempre obedece, sobe na carroça e se dirigem à floresta. No meio do caminho, ele interrompe a viagem, agarra-a pelas tranças e lhe corta a garganta.

### **Contexto cultural da violência contra a mulher: o caso brasileiro**

A Rússia do século XIX não reprimia a violência familiar. De modo que o marido de Akulka poderia continuar a espancá-la indefinidamente sem ser incomodado pela polícia ou a justiça. O ciclo de violência que se inicia com o casamento só foi interrompido com o assassinato de sua jovem esposa, seguido de sua prisão. Evidente que essa situação no século XIX não é isolada. Também no Brasil, a pesquisa sobre normas familiares e ordem médica, desenvolvida por Costa (1989), nos mostra que aqui não havia nenhuma lei, nenhuma instituição destinada à proteção das crianças e da mulher contra o machismo e a

violência do homem.

Para o autor, a construção do machismo no Brasil foi forjada de forma racional, a partir do século XIX, momento em que os médicos e o movimento higienista empreendiam um projeto civilizador em terras tropicais. Era uma época em que o padrão masculino hegemônico do grande senhor colonial, com seu mandonismo despótico sobre crianças, escravos e agregados deveria ceder espaço aos valores burgueses como de afirmação sobre o ambiente social. Entre a elite intelectualizada havia certo consenso de que era preciso substituir a utilização da força bruta pela polidez, ou melhor, por hábitos mais adequados aos padrões da cidade. O modelo masculino desse novo homem, deslocado do posto de senhor colonial ao grande proprietário, exigia deste uma atuação diferente, a de um homem cortês, que tem apreço ao trabalho, admiração pela competência profissional, estímulo ao espírito competitivo, gosto pela cultura artística e pelo reconhecimento científico; o cultivo da aparência física; a busca do equilíbrio e da contenção moral etc.

Evidentemente tais características não poderiam ser assimiladas em sua totalidade pelos mais pobres. Mesmo assim, esse processo de transposição do padrão hegemônico masculino, com as devidas adaptações, estendeu-se até eles. Para Connell (1995), na verdade, a masculinidade hegemônica, como modelo cultural, não pode ser completamente incorporada por nenhum homem, embora exerça um poder controlador sobre todos ao mesmo tempo. A filiação ao projeto hegemônico esbarra em muitas dificuldades, pois depende do lugar que o homem ocupa na estrutura social, política, econômica e cultural, em outras palavras, depende da classe social deste indivíduo. Tais barreiras criam o que o autor cunha de masculinidade cúmplice, definida como um vínculo com o projeto de masculinidade hegemônica, mas sem assimilá-la e reproduzi-la integralmente. Essas noções podem ser úteis à compreensão de que o mesmo empenho civilizador que converteu a conduta do senhor colonial em grande proprietário, sob os moldes já descritos, influenciou também a construção de um modelo machista ao qual aderem os homens das camadas populares.

Assim, as características naturais que a higiene atribuiu ao masculino, segundo Costa (1989), determinavam que ser homem demandava ser mais sensual e menos amoroso; mais racional e menos sentimental; mais inteligente e menos afetivo etc. No âmbito social, a higiene lhe recomendava o trabalho e o cuidado com o corpo e com o sexo, além da conservação de uma das mais antigas de suas propriedades: a mulher. De acordo

com as reflexões do autor, para o homem das camadas médias esses elementos tiveram uma enorme importância, pois bastava-lhe um bom comportamento físico e sexual e um desempenho eficiente como reprodutor de uma prole sã, para ter resolvidas todas as dificuldades morais, sociais, políticas e familiares, como um cidadão de primeira classe. Soma-se, ainda, o direito de concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes, que lhe restou como uma das raras parcelas de poder social que ele poderia usufruir sem restrição. De propriedade jurídico-religiosa, a mulher passou à propriedade higiênica amorosa desse homem, cuja honra e poder são diretamente dependentes de sua respeitabilidade, especialmente, a sexual.

Para além dos estudos e pesquisas que dão conta de uma realidade onde é alto o número de violência contra a mulher (FREITAS; PINHEIRO, 2013), os meios de comunicação cotidianamente não nos deixa esquecer que essa realidade não mudou, a despeito da legislação e das instituições voltadas para a proteção das mulheres em situação de risco. Seleccionamos uma notícia que consideramos emblemática, nesse sentido, escrita pelo jornalista Silvio Túlio e publicada no G1, em 01 de novembro de 2018, que tem como título: “Marido e sobrinho são presos suspeitos de matar mulher por ciúmes em Vicentinópolis” ao título é acrescentada a informação de que se encontra disponível um vídeo com as imagens do crime.

Câmeras de segurança registraram o momento em que uma mulher é morta a tiros enquanto corria por uma calçada, em Vicentinópolis, região sul de Goiás. Valdiandrea D’arc de Almeida, de 38 anos, foi atingida por três disparos. Segundo a Polícia Civil, o marido dela, Ronaldo Cabral Franco, de 43, e o sobrinho dele, Carlos Humberto da Silva Filho, de 19, são os homens que aparecem nas imagens [...] e teriam cometido o crime por ciúmes. Eles foram presos nesta quinta-feira (1º).

No depoimento formal, ambos preferiram ficar em silêncio. Porém, conforme o delegado [...], Ronaldo disse, informalmente, que matou a mulher por ciúmes devido a uma suposta traição. Eles estavam juntos havia nove anos.

O crime foi cometido no último dia 27 de outubro, por volta de 9h. As imagens mostram o carro de Valdiandrea parado na rua e depois quando ela começa a correr.

"Os dois suspeitos a perseguiram em outro carro, ela tentou fugir, mas foi fechada. Depois, ela desceu e tentou fugir correndo a pé, mas novamente foi perseguida", disse o delegado ao G1. (TÚLIO, 2018, s/p)

O jornal disponibiliza um vídeo com a gravação do assassinato, seguido pelo comentário de Túlio (2018, s/p), considerando que, além da forma cruel que caracteriza

esse crime, a vítima já havia denunciado a violência do marido:

Na sequência do vídeo, é possível ver a vítima correndo pela calçada quando é atingida por um tiro nas costas - disparado a poucos metros de distância - e cai no chão.

Segundo a polícia, o disparo foi feito por Carlos Humberto. O [mais] jovem, ameaça correr, mas para, e volta com a arma em punho. Ele aponta para a cabeça da vítima, mas a arma está sem munição. "Antes de acertá-la, ele descarregou o tambor, acertando um tiro nela. Os outros pegaram no muro", explica o delegado.

O suspeito então recarrega a arma. Nesse momento, Ronaldo, também aparece na imagem. Ele pega algo no chão enquanto o sobrinho aponta a arma, mas não consegue atirar.

Ronaldo, então, segura a mulher pelo braço, e Carlos Humberto dispara contra seu rosto. Antes de fugirem, ele atira mais uma vez, também na cabeça. A vítima morreu na hora.

Os dois foram presos em Goiatuba também na região sul. O delegado explicou que todos moram em Joviânia a 24 km de Vicentinópolis. No dia do ocorrido, a mulher foi até a cidade para resolver assuntos particulares. O delegado revelou ainda que Valdiandrea já havia registrado uma ocorrência contra o marido por ameaça, no ano passado (TÚLIO, 2018, s/p).

Os valores machistas que guiaram a conduta violenta de Chichkov, marido de Akulka, um camponês do século XIX, permanece no espaço urbano no Brasil em pleno século XXI, embora contraste com outros modelos de relacionamentos, cujas práticas enfatizam a busca por uma maior simetria entre os gêneros.

Conforme assinala Poster (1979, p. 57), é do próprio capitalismo que emerge a concepção e "o *status* da esposa como propriedade" do homem que é o chefe da família burguesa que, por sua vez, é a fonte matricial da sociedade moderna. Esta condição feminina deriva da privatização do amor sexual que é historicamente característica deste modelo nuclear de família que, ainda segundo Poster, "não era o caso nas famílias camponesas e aristocráticas anteriores ao século XVIII ou nas famílias da classe trabalhadora dos começos do século XIX".

Mas a construção histórica do modelo de família nuclear no mundo ocidental não pressupõe necessariamente a harmonia, pois como nos mostra Saffioti (1999), muitas vezes estão presentes a competição, a trapaça, a violência. Há, entretanto, uma ideologia de defesa da família que procura impedir ou dificultar a denúncia, por parte de mães, de abusos sexuais perpetrados por pais contra suas próprias filhas, para não mencionar a tolerância, durante anos seguidos, de violências físicas e sexuais contra si mesmas. Contudo, tais violências, mesmo toleradas pela mulher e às vezes até cometidas por ela,

obedecem a uma dinâmica masculina. Para a autora, a criminalidade, a violência pública é uma violência masculina, isto é, um fenômeno sexuado. Frequentemente ainda se utiliza do argumento das diferenças físicas, musculares para justificar hierarquias no convívio entre homens e mulheres.

Hegemonicamente prevalece no mundo ocidental contemporâneo o mesmo modelo de família nuclear, construída em sintonia com o modo de produção capitalista. Contudo, no Brasil, diferentes fatores influenciam o cotidiano das famílias e, à vista disso, acabam por provocar mudanças em sua própria constituição e prática, deixando evidente seu caráter histórico ao contrário de natural, como muitas vezes se acredita. Dentre esses fatores destacamos a imprensa que, ao informar ao público atos de violência no interior das famílias nas últimas décadas, tem contribuído para colocar em debate, para toda a sociedade, a importância da criação de mecanismos de combate à violência contra a mulher.

Ancoramo-nos nos estudos de Peixoto e Cruz (2007) sobre a imprensa como fonte ou objeto de pesquisa para justificar nossa escolha metodológica de utilizar aqui a matéria jornalística: “Marido e sobrinho são presos suspeitos de matar mulher por ciúmes em Vicentinópolis”. Buscamos comparar a violência contra a mulher narrada por Dostoiévski no século XIX e a violência que nos tempos atuais é estampada quase diariamente nos meios de comunicação. Para as autoras, tanto os textos produzidos pela imprensa quanto os documentos provenientes de outras instituições não garantem testemunhos neutros e objetivos. Pelo contrário, todo documento é suporte de prática social e, por esse motivo, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui.

Esta perspectiva teórica de considerar a imprensa em sua historicidade não pode perder de vista suas articulações mais amplas com a história do capitalismo, cuja atuação, diferentemente do movimento feminista e de outros movimentos de mulheres trabalhadoras, nunca se posicionou a favor da liberdade e da igualdade entre os sexos. Partindo do entendimento, portanto, de que imprensa como qualquer outra empresa em nossa sociedade visa ao lucro, é evidente que a explicação para a ampla divulgação das denúncias sobre a violência contra a mulher ou contra outro grupo social tem a ver com os mesmos interesses que movem qualquer empresa. As notícias divulgadas nos meios de comunicação chamam a atenção do público leitor e, em razão disso, também atraem os

anunciantes dos jornais que compram espaços nesses meios de comunicação.

Desse modo, podemos dizer que, operacionalmente, muitas mudanças ocorreram em relação à imprensa, mas seus objetivos permanecem os mesmos. De acordo com Terrou (1964), no Ocidente, especialmente na Itália e na Alemanha, a imprensa surge com o aparecimento das notícias distribuídas em folhas manuscritas contendo informações muitas vezes escritas de forma a beneficiar os indivíduos ricos e poderosos, como grandes comerciantes e banqueiros, e este trabalho era realizado por pessoas que faziam disso profissão.

Ao longo do tempo, a imprensa se profissionalizou beneficiando-se da formação do Estado Moderno e de sua filosofia liberal que trouxe consigo a liberdade de expressão. Como observa Terrou (1964), a edição de grandes jornais exige grandes empresas comerciais para operações importantes de outras empresas comerciais maiores ainda. Cresce, desse modo, a distância entre a liberdade legalmente concebida como um direito individual nas leis inerentes ao Estado democrático de direito e as condições práticas de exercício dessa liberdade.

Para nós, a dominação do dinheiro sobre os jornais é algo inevitável no capitalismo, assim como em outros setores da vida social. Para Peixoto e Cruz, (2007, p. 258-262) precisamos perceber a imprensa não como um reflexo de realidades, mas sim como uma prática integrante da realidade social, que constrói pensamentos, ações, determinam papéis sociais e compartilha ideias e representações definidas por seus interesses (políticos, sociais e culturais). Afinal, a imprensa circunscreve espaços, anuncia temas, conceitos, opiniões e generalizações. As autoras corroboram o uso dos jornais como fonte de pesquisa, posto que, para elas: “A imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos”.

### **Considerações finais**

O sociólogo e crítico literário Antônio Cândido, em sua obra *Literatura e Sociedade* (2000, p. 13), nos alerta para uma questão que, embora pareça óbvia, deve ser assinalada; trata-se da importância de termos “consciência da relação arbitrária e deformante que o

trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese”.

Analisamos, neste artigo, o XV capítulo da obra *Memória da Casa dos Mortos* : O marido de Akulka, de Dostoiévski. Tal obra é fruto das lembranças do autor que, no fim da década de 1840, fora condenado a longos anos de trabalhos forçados na Sibéria devido à sua participação em um grupo revolucionário, cujo objetivo principal era a luta contra a servidão da gleba e sua expressão política e social: o tsarismo.

Antes de sua prisão, em meados dos anos 1830, Dostoiévski havia se aproximado do ambiente intelectual russo<sup>6</sup>, o qual, segundo Frank (1999, p. 143), encontrava-se em um período de transição entre: “de um lado, o predomínio da literatura romântica e da filosofia idealista alemã e, de outro o avanço da influência do romantismo social francês, que incluía boa parte do que veio a ser chamado de realismo ou de naturalismo, na Rússia”. Este realismo está presente em *Memória da Casa dos Mortos*, isso, no entanto, não significa que o autor tenha renunciado ao “quinhão da fantasia” que, para Cândido (2000), é a liberdade que o artista precisa para modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento de verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica.

Nossas reflexões, nesse sentido, visaram a aproximar o registro de uma história trágica narrada artisticamente por Dostoiévski em sua literatura do século XIX – a vida de Akulhka – em comparação com a vida de uma mulher, cuja história se assemelha com a vida e a morte de tantas outras mulheres de nossas cidades na contemporaneidade. Estas tragédias retratadas cotidianamente pelos meios de comunicação em pleno século XXI nos fazem lembrar que Fourier, no século XIX, condicionou a possibilidade de existência de uma sociedade livre da alienação e da violência ao processo de emancipação da mulher, pois, para o filósofo, “a pena por retirar a autonomia da mulher não atinge a ninguém de um modo mais profundo do que o próprio homem” Fourier (apud MARX, 2003, p. 219).

## Referências

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

---

<sup>6</sup> Em São Petersburgo em meados dos anos 1830.



- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memória da Casa dos Mortos**. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Porto Alegre/RS: L&PM, 2010.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: Editora WMFMartins Fontes, 2011.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os anos de provação (1850-1859)**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: as sementes da revolta 1821-1849**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: EDUSP, 2008.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os efeitos da Libertação (1860-1865)**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2013.
- FREITAS, Lúcia; PINHEIRO, Veralúcia. **Violência de Gênero, Linguagem e Direito: Análises de Discurso Crítica em Processos na Lei Maria da Penha**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do Partido Comunista**. Prólogo de José Paulo Neto. São Paulo: Cortez, 1998.
- MARX, Karl. Proudhon. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Sagrada Família**. São Paulo, Boitempo, 2003.
- PEIXOTO, Maria do Rosário & CRUZ, Heloisa de Faria. In: **Projeto História**: São Paulo, n.35, p.253-270, dez. 2007 255.
- POSTER, Mark. **Teoria Crítica da Família**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- TERROU, Fernand. **A informação**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.
- TÚLIO, Sílvio. **Marido e sobrinho são presos suspeitos de matar mulher por ciúmes em Vicentinópolis**. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 12 abr. 2020.